

A velha

**Tudo que conta
passa a existir!**

Oswaldo Andrade



Crítica literária

A velha

Com base na estrutura de contos e nas reflexões apresentadas, o livro "A Velha" de Osvaldo Andrade se configura como uma obra de profunda densidade filosófica, envolta em uma roupagem de contos populares, urbanos e fantásticos. A narrativa transcende a simples coleção de histórias, operando como uma meditação coesa sobre a natureza da realidade, da crença e da existência humana.

A força motriz da obra é a figura da Velha - uma narradora que é, ao mesmo tempo, personagem, filósofa, e, em última instância, a personificação da própria Realidade Construída.

O livro utiliza a estrutura de apresentação e intercapítulos de ensaio filosófico para estabelecer um pacto com o leitor. A Velha desafia a distinção entre Verdade (imutável) e Realidade (manipulável pelo narrador). Ao declarar que a história "passa a existir como uma nova realidade depois que conto," ela coloca o leitor em um estado constante de alerta epistemológico.

A voz da Velha é marcada por um cinismo sábio e uma experiência vasta ("farta experiência na vida"). Ela tece críticas incisivas à ambição, à vaidade, à desatenção e à ilusão humana, atuando como um oráculo que tenta, sem sucesso, guiar o leitor através das armadilhas da percepção.

Os contos funcionam como experimentos práticos que ilustram as teorias da Velha, explorando temas interconectados:

- Realidade e Ilusão - Capítulo 3 (Tempo Inverso): A experiência do viajante em que o tempo, o amor e até a loja de camisas são ilusórios, culminando na descoberta de que a vida que ele pensava viver já estava findada. A obra sugere que a percepção é um engano constante e que a sua realidade pode não ser a realidade.

- O Medo e o Desejo - Capítulo 1 (Encruzilhada): A história do lobisomem é, na verdade, a história do marido que escolhe entre a tranquilidade do lar e o "prazer da aventura". O sobrenatural é uma metáfora para os impulsos humanos (medo, desejo, fidelidade) que colocam o indivíduo em uma "encruzilhada" existencial.

- O Mal Oculto - Capítulo 4 (Josias): A revelação de que a fé e os rituais religiosos podem, inadvertidamente, servir como um mecanismo para "alimentar o Mal" (o "câncer" do mundo). O livro questiona a moralidade das instituições e sugere que a verdade

essencial é deliberadamente escondida, como as notas de Josias na Bíblia vazia.

- Poder e Magia - Capítulo 6 (A Velha da Janela): A magia não é primitiva, mas sim especializada e oculta. A Velha usa feitiçaria e controle mental para escravizar e se vingar, provando que "o mais poderoso é aquele que não se mostra". O misticismo é um poder prático e moderno, usado para impor a vontade sobre o "animal" humano.

- Existência e Captura - Capítulo 2 (A Casa) e Capítulo 7 (Olhos Curiosos): A casa-aranha devora, a Velha dos Sonhos persegue. O Epílogo, onde a Velha afirma que seus "netos" pescam e brincam juntos, consolida a ideia de que há uma entidade (ou o próprio ciclo da existência) que está consumindo as almas. O destino final do ser humano não é a paz, mas sim a captura para continuar a alimentar o conto ou a energia do universo.

Osvaldo Andrade equilibra a linguagem formal da reflexão (na voz da Velha) com a oralidade do conto popular.

O autor adota a cadência dos causos e lendas, especialmente nos contos de vilarejo e de assombração ("Encruzilhada", "A Casa"). Isso facilita a suspensão da descrença, tornando o absurdo mais aceitável.

As descrições são eficazes em criar ambientes de angústia: o viajante no nevoeiro gélido (Capítulo

3), o corpo envolto em gaze (Capítulo 4), a casa velha com "eternidade" em suas aberturas (Capítulo 2).

A repetição de certos elementos — o cão, o leite, o nevoeiro, a velha, o lago — cria uma sensação de ciclo vicioso e fatalidade, reforçando a ideia de que as vidas são meros *scripts* que se repetem.

"A Velha" é um livro que exige um leitor ativo e disposto a se perder em suas múltiplas realidades. É uma crítica mordaz à complacência humana e uma meditação sombria sobre o destino. A Velha não é apenas a narradora, mas a própria força narrativa que, ao final, revela que você (o leitor) é quem lhe deu o direito de existir nessa nova realidade.

É uma obra de ficção fantástica brasileira que se distingue por sua profundidade alegórica, merecendo ser lida não apenas como entretenimento, mas como um exercício de desconfiança sobre tudo que nos é contado e tudo que escolhemos acreditar.

Autor: Osvaldo Andrade

Obra: A velha

Site: ocsan.net/autor

E-mail: osvaldoandradeautor@gmail.com